

As sociedades de controle: forma hegemônica da acumulação capitalista e padrão de poder da gestão institucional em Gilles Deleuze¹

The control societies: hegemonic form of capitalist accumulation and institutional management power standards in Gilles Deleuze

CRISTIANO LENARDO CAPOVILLA
 Doutorando em filosofia pela UERJ.
 Professor de Filosofia do COLUN UFMA.
capovillacristiano@gmail.com

RESUMO:

Em entrevista de 1990 ao jornal teórico-político *Futur Antérieur* de Antônio Negri, cujo título foi traduzido por *Controle e Devir*, o filósofo francês Gilles Deleuze discorre sobre vários assuntos, mas principalmente acerca da ascensão das novas formas de poder e domínio nas sociedades pós-industriais europeias e norte-americanas. Nesse mesmo ano, o próprio Deleuze preparou um *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* onde voltou a tratar do tema de maneira mais sistemática. Pretendemos destacar destes dois escritos a caracterização da transição entre sociedades confinadas para as abertas, identificando nessas últimas a face teórica da hegemonia global do capital financeiro, isto é, do neoliberalismo. Interessa-nos, particularmente, os elementos políticos - de poder e controle - e econômicos - de acumulação do capital - que Deleuze detecta na emergência dessa nova lógica de dominação sistêmica e as consequências que podemos extrair para a luta política contemporânea.

Palavras-chave: Capitalismo. Sociedades disciplinares. Sociedades de controle. Neoliberalismo. Resistência ativa.

ABSTRACT:

In a 1990 interview with Antonio Negri, the political-theoretician newspaper *Futur Antérieur*, whose title was translated by *Control and Becoming*, french philosopher Gilles Deleuze discusses various subjects, but especially about the rise of new forms of power and dominance in European and North-American post-industrial societies. That same year, Deleuze himself prepared a *Post-scriptum about the societies of control* where he returned to the subject more systematically. We intend to highlight from these two writings the characterization of the transition between confined to open societies, identifying in the last one the theoretical face of the global hegemony of finance capital, namely, neoliberalism. We are particularly interested in the political elements - power and control - and economic - of capital accumulation - which Deleuze detects in the emergence of this new logic of systemic domination and the consequences we can draw for contemporary political struggle.

Keywords: Capitalism. Disciplinary Societies. Controlling societies. Neoliberalism. Active resistance.

1. INTRODUÇÃO

Controle e Devir e *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* constituem uma entrevista e um opúsculo, respectivamente, feito por Gilles Deleuze (2013) no início do ano de 1990. A entrevista foi dada ao jornal teórico-político *Futur Antérieur* de Antônio Negri e, logo depois, veio a lume o *post-scriptum*, visando dar um tratamento mais sistemático às questões que são apresentadas de maneira sucinta na entrevista. São dois textos

¹ Artigo submetido para avaliação em 10/10/2019 e aprovado em 31/10/2019.

complementares. Em conjunto, apresentam a lógica de força e comando que as *sociedades de controle* em espaços abertos estão imprimindo sobre as antigas estruturas de confinamento regidas pelas *sociedades disciplinares*. A crise das instituições fechadas - família, escola, fábrica, hospital, quartel e prisão - são a ponta de lança das profundas transformações operadas no centro do sistema capitalista.

Na última década do século XX importantes eventos impactavam a Europa e o mundo, parecendo indicar profundas transformações por quais passariam a história a partir daquele momento. De fato, desde a queda do Muro de Berlim (1989), da unificação Alemã (1990), da Guerra do Golfo (1990-1991), transpassando pela dissolução da União Soviética (1991), que o sistema capitalista passou a se apresentar de maneira mais determinado, na forma de políticas institucionais e deliberações econômicas, conhecido como globalização. Nesse contexto singular, de ascensão de uma nova ordem política e econômica, o filósofo francês era um observador privilegiado, captando as tendências do seu desenvolvimento ainda na origem do processo de transformação. São essas condições *sui generis* que tornam esses dois pequenos escritos tão especiais.

É relevante o fato de que esses escritos deleuzianos promovam um resgate do instrumental analítico marxista justamente num contexto onde as teorias socialistas estão sendo criticadas e a obra do filósofo comunista alemão é dada como definitivamente morta (FUKUYAMA, 1992). A contrapelo dos eventos que então se desenrolavam, Deleuze reafirma sua conexão com os pressupostos marxistas, particularmente no que diz respeito aos elementos que compõe sua análise filosófica da política. Ele assim se expressou:

Creio que Félix Guattari e eu, talvez de maneiras diferentes, continuamos ambos marxistas. É que não acreditamos numa filosofia política que não seja centrada na análise do capitalismo e de seu desenvolvimento. O que mais nos interessa em Marx é a análise do capitalismo como sistema imanente que não para de expandir seus próprios limites, reencontrando-os sempre numa escala ampliada, porque o limite é o próprio Capital. (DELEUZE, 2013, p.216).

Partimos justamente dessa sugestão de Deleuze acerca da análise do desenvolvimento do Capital, seguindo as pistas da relação entre a ascensão das *sociedades de controle* e as novas formas da hegemonia capitalista contemporânea, isto é, das relações siamesas entre domínio político e capital financeiro globalizado, tentando extrair as consequências que podem advir para a luta dos movimentos contra-hegemônicos e de resistência.

2. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA.

O mote do qual parte a argumentação deleuziana é a constatação da crise das antigas instituições disciplinares, como a família, a escola, a fábrica, o hospital, o quartel e a prisão. A partir daí, procura destacar a lógica intrínseca que subjaz e está conduzindo essa transformação, que se impõe como desenvolvimento necessário das sociedades ocidentais. Interessa a ele estabelecer os elementos que proporcionam o rompimento desses padrões fechados e a organização de força e poder em sistemas abertos. A potência das transformações atuais se manifesta mais claramente quando em contraste com as antigas *sociedades de soberania e disciplinares*.

As *sociedades de soberania* (séculos XIV ao XVII) podem ser tipificadas como aquelas em que o poder político deliberava mais sobre a morte dos indivíduos do que sobre sua vida. A igreja ainda possuía grande poder justamente pelo fato de tratar dos procedimentos para o *post-mortem*, sendo a conexão entre os dois reinos, humano e espiritual. A economia tratava mais de explorar, apoderar-se e usurpar terras, produtos e mercadorias, do que propriamente organizar e aperfeiçoar a produção. A essa sociedade também corresponde certos tipos de máquinas, como as de tração natural (animais, vento, água, força física) e de mecânica simples, como roldanas, alavancas e relógios.

Essa formação social foi suplantada por outra, nascida das suas próprias entranhas, numa transição longa e progressiva. Sucederam às *sociedades de soberania* as *sociedades disciplinares*. Dos séculos XVIII até o XX o exercício do comando social foi estabelecido a partir dos grandes meios de confinamento. Nestas, o indivíduo transita entre sítios fechados: a família e seus valores; a escola e suas regras; o quartel e a disciplina; a fábrica e a organização metódica; o hospital e suas internações; a prisão e o manicômio como os meios de confinamento por excelência, tanto para vigiar, quanto para punir.

As máquinas adequadas às formas sociais disciplinadas são eminentemente energéticas (carvão, petróleo), cuja economia se caracteriza pela concentração organizada da grande produção e da propriedade. As fábricas são exemplos de ordem, obediência e sujeição. Os uniformes e a padronização dos gestos e ações dos operários nas linhas de produção dos grandes espaços fechados da indústria possuem as mesmas características de um exército. O próprio Marx percebeu essa correlação ao ver no proletariado moderno a força política e militar capaz de tomar o poder e construir a nova sociedade. Talvez por isso sua crença na revolução iminente nos países desenvolvidos. “Quanto ao mercado”, nos diz Deleuze, “é

conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção” (2013, p. 227).

Foucault pode ser considerado como “o pensador das sociedades de disciplinas, e de sua técnica principal, o confinamento” (2013, p.219-220), pois analisou profundamente o “projeto ideal dos meios de confinamento” (IBIDEM, p. 223). Mas agora se trata de caracterizar a emergência de algo diferente e mesmo oposto a tudo isso, pois as novas formas de regulação e comando são fundamentalmente em meios abertos e não oclusos. O próprio *Pan-óptico* (FOUCAULT, 2009), como modelo máximo de instituição disciplinar, que consistia numa constante observação desigual dos reclusos, está sendo superado pelo monitoramento constante e secreto em espaços abertos. A ampla utilização de câmeras de reconhecimento facial, imagens de drones e satélites, localização por GPS, monitoramento via dispositivos individuais como os *smarthphones*, nomearam um novo sistema de controle distendido apelidado de *big brother*.

Essa transformação começou a ser operada na metade do século XX, logo após a Segunda Grande Guerra. As disciplinas de confinamento deixaram de ser o centro irradiador do *modus vivendi* para o conjunto da sociedade. As crises que envolvem a família, a escola, as fábricas, os quartéis, os hospitais, as prisões e os manicômios nada mais são que a derrogada das normalizações fechadas para os espaços abertos, dando uma nova ordem às formas sociais contemporâneas. Trata-se da ascensão das *sociedades de controle*, e que o próprio Foucault reconhecia ser nosso futuro próximo.

3. A LÓGICA DAS SOCIEDADES DE CONTROLE.

Deleuze faz questão de estabelecer uma diferença fundamental entre as duas formações sociais – *disciplinares* e de *controle* -, destacando a adversidade que se apresenta sob os novos delineamentos de dominação. Para ele, “face às formas próximas de um controle incessante em meio aberto, é possível que os confinamentos mais duros nos pareçam pertencer a um passado delicioso e benevolente” (2013, p. 220). Ora, se a clausura implica sempre a consciência de um corpo privado da liberdade de ir e vir e de um ordenamento nomeadamente extrínseco, então a liberação desses constrangimentos levam a uma sensação de falsa liberdade, escondendo os aspectos do domínio na sutilidade das relações em meio aberto e intrínseco.

Como se dá, então, esses novos contornos de regulação dos indivíduos?

A disciplina do corpo e do espírito era operada em diferentes sistemas de confinamentos, fechados e independentes. Usavam a linguagem analógica: a ordenação da família era ampliada na escola; a estrutura e disciplina escolar eram aplicadas na fábrica; a disciplina e hierarquia da fábrica eram correlatas aos do quartel, etc.. As restrições aos espaços fechados funcionam como “moldes” (2013, p. 225), bitolas psicossomáticas que identificam os indivíduos marcando-os na ordem vigente.

Atualmente, os modos de controle em espaços abertos, os “controlatos” (2013, p. 225), são flexíveis e não se reduzem a qualquer espaço, produzindo diversas variações que são inseparáveis, conformando um sistema de geometria variável e linguagem numérica, expressa em sua forma digital. Isso pode ser visto claramente, segundo Deleuze, nos novos delineamentos salariais: a antiga fábrica, que configurava os indivíduos num corpo único e num mesmo espaço fechado, para “a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência” (IBIDEM, IDEM), foi substituída pela empresa. Essa última não precisa ter um espaço físico fechado, mas, antes, uma ideia que permeia e regula os indivíduos dispersos em vários espaços. Isso implica numa modulação salarial por mérito.

A fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas numa sociedade de controle a empresa substitui a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. Sem dúvida a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, mas a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. (2013, p. 225).

A empresa introduz de forma sistêmica uma competição interminável como estímulo e motivação entre os indivíduos, contrapondo-os entre si e atravessando-os em si mesmos. Os programas de auditório televisivos que apresentam jogos e competições com premiação financeira exprimem uma regulação à distância desses indivíduos, executando uma formação contínua para as empresas. Por isso os programas de “televisão mais idiotas têm tanto sucesso” (IBIDEM, IDEM), pois a realidade vira um show que ocupa o espaço do entretenimento.

Esse comando do sistema é transversal a qualquer dos antigos espaços confinados. Em grande medida isso é possível pela correspondência que nossa sociedade possui com suas máquinas de informática e computadores. Ao invés da clausura das sociedades disciplinares, estamos soltos no ciberespaço, sendo esse universo mais um *controlato*. Ao contrário das antigas máquinas burras, construímos as máquinas com

linguagens, que assumem autonomia enquanto aumentamos nossa sujeição. Mas se no passado as máquinas podiam ser sabotadas, emperrando propositalmente as correias, polias e engrenagens, hoje podem ser *hackeadas*, pirateadas ou mesmo infectadas por vírus. A luta de classes e a resistência ativa ainda sobrevivem aos *controlatos*.

4. SOCIEDADES DE CONTROLE E ACUMULAÇÃO CAPITALISTA.

A correlação entre a ascensão das sociedades de controle e o desenvolvimento do capitalismo é indicada pelo próprio Deleuze, como sendo:

Uma mutação (do capitalismo) já bem conhecida que pode ser resumida assim: o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. (...) Mas atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. É um capitalismo de sobreprodução. (...) O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. (2013, 227-228).

Algumas dessas características constitutivas do novo padrão de acumulação foram apontadas por BARROSO (2005) e coincidem com as formulações deleuzianas:

Declínio da moeda e dos depósitos bancários enquanto bases de financiamento, e sua substituição por ativos que geram juros; a securitização interconectando os mercados creditício e de capitais; a tendência de formação dos conglomerados de serviços financeiros; ampliação das funções financeiras nas corporações produtivas; déficit público financeiro tornado endógeno (...). (2005, p. 7).

Não só os países possuem déficits intrínsecos, mas também os indivíduos são presos não mais por grilhões (sociedades de soberania) ou por prisões (sociedades disciplinares), mas pela dívida. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 2013, p. 228). Podemos refletir que a mutação do capitalismo indicada de maneira sintética por Deleuze corresponde à própria expressão da complexa hegemonia do capital financeiro sobre o conjunto do sistema, isto é, sobre a maior parte das relações capitalistas de produção, apropriação e reprodução do mundo globalizado. É esse processo que se passou a chamar de neoliberalismo: a ideologia do sistema do capital financeiro contemporâneo.

Para Barroso (2005, p. 9) “o capital financeiro forja e reproduz constantemente novos circuitos da valorização do valor, originariamente produzidos no chão da fábrica”. Estamos diante, portanto, de uma nova forma lógica de acumulação e domínio, onde a fábrica

pode ser derogada pelos grandes centros financeiros, que passam a constituir instâncias representativas próprias de acumulação. Ao contrário das jornadas de trabalho fabris, sempre restritas aos limites humanos e a luta dos sindicatos, o capital financeiro exerce sua função especulativa vinte e quatro horas por dia, graças a diferença entre os fusos horários das diversas bolsas de valores e às máquinas interligadas a rede cibernética mundial.

O filósofo francês alerta que nessa nova economia “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua” (2013, p. 228). É característica intrínseca da “nova economia” mover gigantescos volumes de capitais especulativos que ficam circulando esperando realização futura, que pode ocorrer ou não, valorizando-se ou desvalorizando-se instantaneamente. Tais movimentos instáveis, próprios do sistema financeiro, requerem um monitoramento regular e contínuo no ciberespaço. O antigo operário é substituído pelo operador da bolsa, o agente financeiro, que nada mais é que um vendedor. As ondulações e crises desse sistema incidem violentamente na esfera produtiva, desestruturando as economias disciplinares das nações.

Também podemos identificar essas características do capital financeiro destrinchando o que seria sua essência. Segundo Belluzzo (2005) o capitalismo sempre sonhou com:

O desvario da produção da riqueza abstrata desvencilhada dos incômodos materiais da produção de mercadorias. (...) D-D´e não D-M-D´ é o processo em estado puro, adequado a seu conceito, livre da garga da materialidade. (...) A financeirização não é uma deformação do capitalismo, mas um aperfeiçoamento da sua natureza. Aperfeiçoamento que exaspera seu movimento contraditório: na incessante busca da acumulação de dinheiro a partir do dinheiro – sem a mediação da exploração do trabalho – o regime do capital é obrigado a desvalorizar a força de trabalho e a expandir o capital fixo para além dos limites permitidos pelas relações de produção (200 p. 13-14).

As *sociedades de controle* possibilitaram realizar um aperfeiçoamento na natureza absurda do processo de acumulação do capital. Não se trata, assim, de uma distorção, mas de uma evolução da acumulação capitalista. O aspecto financeiro deixa de ser apenas uma faceta do antigo sistema para se tornar a relação principal da dinâmica do capital, assumindo posição central dentro das relações histórico-sociais, onde a própria teoria do valor-trabalho, centro clássico da economia política liberal e marxista, está sendo questionada. Estamos diante de uma metamorfose fundamental do nosso modo de produzir e viver as relações sociais.

5. CONTROLE INSTITUCIONAL DO CAPITALISMO FINANCEIRIZADO.

Além do aspecto econômico, o neoliberalismo também implica um conjunto de políticas, constituindo-se em um padrão determinado de gestão institucional da riqueza financeirizada. Na lógica de um sistema globalizado, aberto, onde o ciberespaço fornece o meio para a comunicação instantânea, *on line*, a informação mais do que nunca se transforma numa mercadoria, sendo mais importante que qualquer objeto material. Por isso as antigas fronteiras que delimitavam os espaços fechados das instituições, do mercado, da família, das universidades, etc., agora são atravessadas pelo marketing.

O conjunto dos cidadãos, o povo de uma nação, já havia se transformado em *massa* para uma indústria cultural, de entretenimento e da informação. Agora, a *massa* se transforma em *dados*, precisamente em *bancos de dados*. “Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (2013, p. 226). A política virou um acessório das amostras das pesquisas de opinião, dos meios de comunicação e dos marqueteiros. O antigo programa político, essência de qualquer partido ou movimento institucional, transmutou-se em programa de marketing. “O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores” (DELEUZE, 2013, p. 228).

O caso da empresa *Cambridge Analytica*², especialista em combinar o garimpo e análise de dados de redes sociais com comunicação estratégica para usar em processos eleitorais, é sintomático do grau de domínio e controle a qual os indivíduos e as instituições estão submetidos, mesmo em um modo que deveria ser autônomo, como a escolha eleitoral. As antigas instituições que disciplinavam as regras políticas nacionais entram em crise e tendem a ter sua existência ameaçada ou transformarem-se completamente. Os entes políticos tradicionais, ligado às classes e interesses nacionais, poderão ser doravante substituídos por técnicos – limpos, neutros e assépticos – que não imporão dificuldades a aplicação da rede sistêmica. Já estamos assistindo a substituição dos políticos convencionais por agentes

² A *Cambridge Analytica* utilizou as informações de mais de 50 milhões de pessoas sem o consentimento delas para fazer propaganda política para Donald Trump nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e pelo *Brexit*, a saída do Reino Unido da União Europeia. Os dados foram obtidos do Facebook através da aplicação de testes psicológicos.

advindos diretamente do mundo do entretenimento, mais adequados à nova ordem, como Reagan e Trump, nos EUA, Dória e Huck, no Brasil³.

Do ponto de vista da cidadania, com contínuo desenvolvimento das redes sociais, da inteligência artificial, dos aparelhos portáteis, os mecanismos de controle “podem oferecer a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto” (2013, p.228-229). Substituindo a antiga assinatura individualizante das sociedades disciplinares, a *senha* pode abrir qualquer barreira de acesso, executando a fusão entre as transações bancárias e políticas num mesmo sistema. Mas assim como pode nos dar acesso irrestrito ao mundo, também pode nos deixar continuamente monitorados, tendo sempre o inconveniente de a qualquer momento ser recusada, constringendo nossas ações e diminuindo a cidadania. Para Deleuze, “o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal” (IBIDEM, IDEM).

Temos, então, na chamada *sociedade de controle* o arranjo institucional que, por um lado, maximiza a liberdade quase irrestrita do capital financeiro para procurar sua realização e, por outro, amplifica o domínio do funcionamento institucional em meio aberto, subvertendo os disciplinamentos estanques. Em lugar das antigas instituições estatais, poderão ficar corporações transitáveis, universalistas e cosmopolitas, que executarão as determinações jurídicas e midiáticas emanadas do sistema global. Já assistimos, pois, o descortinamento da fusão entre a dimensão exagerada dos movimentos especulativos tanto financeiros quanto da informação. Capital fictício e *fake News* coexistem nos novos controlatos políticos.

6. IMPACTOS NA RESISTÊNCIA E LUTA DOS POVOS.

A crise dos sistemas de confinamento são as experiências que nos antecipam as pretensões totalizadoras e de controle. O regime fechado das escolas e universidades já está perdendo os espaços singulares para a indistinção entre o trabalhador-aluno e executivo-universitário, isto é, para uma formação permanente e de controle contínuos entre o ensino e as empresas, além da rápida substituição do ensino-aprendizagem presencial pelo modo à

³ A própria eleição de Jair Bolsonaro (PSL) expressa essa vertente. O presidente eleito não participou de nenhum debate relevante durante a campanha eleitoral, sendo desconhecido seu programa de governo. Entretanto, se estribou em redes sociais (Facebook, Twitter e YouTube) e aplicativos (Whatsapp), que serviram para espalhar notícias falsas, *fake News*, contra adversários, garantindo a maioria dos votos válidos na eleição de 2018.

distância. As prisões, o lugar por excelência do enclausuramento, já estão buscando penas alternativas e utilização de coleiras eletrônicas. Nos hospitais, a internação está sendo substituído pelo atendimento a domicílio, o *home care*, além de outras modalidades contínuas de serviços, cujas atividades são dedicadas aos pacientes em ambiente não confinado. O que pode indicar uma nova liberdade, também marca novas formas de integrar mecanismos de controle, uma vez que a intimidade, a privacidade e o corpo do indivíduo passam a ser aferidos *in loco*, catalogados como doentes potenciais, sujeito a futuras restrições. Até os grandes exércitos necessários para a manutenção dos territórios nacionais, tal qual conhecemos, estão perdendo o sentido num mundo globalizado, onde as fronteiras entre os países estão sendo diluídas. Os satélites, os drones autônomos e as máquinas de operação à distância substituem os soldados da caserna.

Tudo que era sólido está se desmanchando e em crise. Por isso mesmo os políticos que estão no comando falam sempre de reformas e mais reformas. Entretanto, já não se trata de um simples reparo, mas de uma encruzilhada que a crise apenas anuncia. Trata-se de gerir a agonia das instituições da antiga *sociedade disciplinar* e substituí-las, em maior ou menor tempo, pelas de *controle*.

Entretanto, Deleuze observa que ao tentar instalar um novo regime de dominação,

O capitalismo manteve como constante a extrema miséria da três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas (2013, p. 228)

Essa é uma importante antecipação da atual conjuntura dos refugiados na Europa, EUA e no Brasil. Além dos excluídos, observamos também o aumento constante do distanciamento entre os que participam do mercado, executando uma clivagem que aparta os setores médios dos super-ricos. Apenas 1% da população mundial tem um patrimônio maior que todo o resto do mundo, em outras palavras, o patrimônio de 70 milhões de super-ricos é superior ao dos demais 7 bilhões de habitantes da Terra. Recente relatório da *Oxfam International* (2019) aponta que a fortuna dos bilionários do mundo aumentou 12% em 2018, enquanto que a metade mais pobre do planeta viu sua riqueza reduzida em 11%. Além disso, demonstra que o número de bilionários dobrou desde a crise financeira de 2007-2008, e que hoje eles e suas empresas estão pagando menos impostos em décadas.

A crescente separação do aspecto financeiro do valor da sua substância ontológica que é o trabalho representa um passo catastrófico para a humanidade, no sentido

em que aumenta a cisão entre produção e distribuição da riqueza social, desconfigurando ainda mais a sociedade em oposições extremas, entre os que possuem meios de produção e os que não possuem; entre os multibilionários e o restante da população; entre países ricos e pobres. Tal separação maximiza a alienação do trabalho, a fetichização das mercadorias, agudiza a unilateralidade metafísica e patrocina o irracionalismo e a barbárie. Levantes como os que observamos recentemente na França, Equador e no Chile são prenúncios das reivindicações das classes subalternas e trabalhadoras em geral.

Cabe também destacar nessa transição entre a reclusão da fábrica e o sistema aberto da produção empresarial, qual papel estará reservado aos sindicatos, uma vez que “ligados, por toda sua história, à luta contra as disciplinas ou nos meios de confinamentos, conseguirão adaptar-se ou cederão o lugar a novas formas de resistência contra as sociedades de controle?” (DELEUZE, 2013, p. 230). As mudanças no mundo do trabalho e do capital implicam ao mesmo tempo uma adequação da luta aos novos meios. Quais e como serão ainda estão abertas.

Outro ponto de resistência identificado pelo filósofo francês é a sabotagem e espionagem contra-hegemônica, podendo acontecer mesmo dentro do sistema de controle. São exemplares os casos de Julian Assange e Edward Snowden, fundador do *Wikileaks* e ex-técnico da *NSA (National Security Agency)*, respectivamente. A pirataria da internet, os crackers, os vírus espíões e terrorismo cibernético formam o submundo do sistema, um subsistema onde formas de resistência ativa podem assumir feições políticas. A mesma senha que identifica ou exclui os indivíduos de participarem do sistema, podem se transformar em palavras de ordem da resistência. Quebrar senhas de acesso ou criar restrições indevidas serão formas de luta cada vez mais importantes num mundo de controlatos.

Também as redes sociais podem ser espaços de luta e resistência antissistema. Observamos recentemente como grupos islâmicos ultraortodoxos conseguiram notável projeção de suas ideias radicais fazendo uso do Facebook, Twitter e YouTube. Isso porque há um espaço que pode ser ocupado e politizado. Não se trata mais de produzir materiais impressos em gráficas fixas e ter meios para escoar jornais e panfletos. A internet e os aparelhos portáteis facilitaram esse tipo de trabalho.

7. CONCLUSÃO

Ao citar o exame que Karl Marx faz da dinâmica do Capital, Deleuze não só corrobora partir dos mesmos pressupostos em suas formulações como também demonstra não acreditar em qualquer filosofia política que esteja alheia aos processos de desenvolvimento e transformação do capitalismo. O sistema capitalista contemporâneo se caracteriza pela completa hegemonia do capital financeiro sobre as outras formas do capital (o comercial e o industrial) e essa nova ordem chama-se: neoliberalismo. O estudo da transição entre as *sociedades disciplinares* para as de *controle* também devem levar em consideração essa lógica intrínseca.

Várias são as passagens na entrevista e no *post-escriptum* onde podemos ver a conjunção do capital financeiro com o estabelecimento de um regime de domínio em espaços abertos, configurando uma nova lógica social. Ao contrastar as antigas *sociedades disciplinares* com as de *controle*, Deleuze afirma:

É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida de padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moedas (2013, p. 226)

Ora, ao escolher um aspecto econômico para ratificar a principal diferença entre as duas sociedades e, mais ainda, ao estabelecer como parâmetro de diferenciação a transformação do dinheiro – *o equivalente geral da troca entre mercadorias*⁴ -, o filósofo francês se situa junto a Marx (2004), possibilitando, a partir daí, a correspondência das *sociedades de controle* ao neoliberalismo. Eis por que a certidão de nascimento da hegemonia do capital financeiro se deu justamente quando, em 1971, Richard Nixon, então presidente dos EUA, suspendeu unilateralmente o sistema de *Bretton Woods*, cancelando a conversibilidade direta do dólar em ouro, abrindo espaço para o surgimento de outros *equivalentes de trocas*. Parece apropriado a Deleuze, portanto, apontar que as mutações da forma dinheiro possuem relação com a ascensão da nova lógica sistêmica.

É a partir desse momento que surgiu um novo padrão monetário, o chamado *dólar flexível*, inédito na história das relações internacionais, uma vez que livre da correlação com o ouro, o dólar passa a ser lastreado na própria economia norte-americana, sem constrangimentos de qualquer espécie. Este acontecimento também marca o deslocamento da

⁴ Para MARX, “Se observarmos o dinheiro, verificaremos que pressupõe certo estágio da troca de mercadorias. As funções particulares desempenhadas pelo dinheiro, mero equivalente de mercadoria, meio de circulação, meio de pagamento, tesouro, dinheiro mundial, indicam, segundo a extensão e preponderância relativa de cada uma das funções, estágios muito diversos do processo de produção social” (2004, p.200).

grande finança ao centro do poder. Esse processo ficou evidente nos anos 1990 quando a globalização financeira se expandiu tendo por novo "lastro" a farra dos diversos papéis, como moedas, títulos públicos e privados, bônus, dívidas, ações, os bens sintéticos - como os índices das bolsas de valores ou ações QQQ da Nasdaq -, e por fim as criptomoedas⁵. Deleuze assistiu a todas essas transformações na origem e reconheceu a função estruturante que a mutação do dinheiro exercia na nova ordem mundial.

Talvez a maior contribuição que podemos extrair dessas formulações deleuzianas seja o fato de nos alertar que as novas formas globalizadas de domínio aberto são complexas e que as antigas formas da luta política e de resistência ativa precisam evoluir em conjunto com as da dominação e controle.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Sérgio. **O capitalismo contemporâneo e suas crises – um decálogo.**

Edição 79, jun/jul, 2005, p.6-11. Disponível

em: <<http://revistaprincipios.com.br/artigos/79/cat/995/ocapitalismocontemporârneo-e-suas-crisis--um-decálogo-.html>>. Acesso em: 28 de out. de 2019.

BELLUZO, Luiz Gonzaga. **O capital e suas metamorfoses.** São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

_____. **O regime do capital e o desenvolvimento capitalista.** Edição 79, jun/jul, 2005, p, 12-17. Disponível em: <<http://revistaprincipios.com.br/artigos/79/cat/994/o-regime-do-capital-e-o-desenvolvimento-capitalista-.html>>. Acesso em: 28 de Out. de 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990).** São Paulo: Editora 34. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª edição, 2013.

FMI. **World Economic Outlook – chapter I: Economic and Policies.** 2005. Disponível em: <www.imf.org> Acesso em 28 de Out. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: Livro I.** Tradução de Reginaldo Sant' Ana. 22ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

⁵ Na crise financeira mundial de 2007-2008 esses papéis também foram chamados de *capital fictício* e *títulos podres*.

NEGRI, Antônio. **Control And becoming: Negri interview with Deleuze**. Disponível em: <<https://antonionegriinenglish.wordpress.com/2010/09/23/control-and-becoming-negri-interview-with-deleuze/>>. Acesso em: 28 de out. de 2019.

OXFAM. **Relatório apresentado durante o Fórum Econômico Mundial de 2019**. Disponível em: <https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/bem-publico-ou-riqueza-privada/>. Acesso em: 28 de out. de 2019.